



Assim Vai a Iluminação em Portugal

Já há algum tempo que não tenho o prazer de o ver, desde as tentativas para pôr em marcha a API — Associação Portuguesa de Iluminação. Na realidade é uma pena que não tenha havido o suficiente empenho de todos os profissionais que trabalham na luminotecnia, porque a necessidade de haver uma instituição, com carácter oficial ou oficioso, que promova e defenda esta área da engenharia, tão desprezada no nosso país, continua a ser premente.

Ainda não perdi a esperança, até porque é com desgosto que vejo que a luminotecnia é cada vez mais maltratada.

Como sabe, sou leitor assíduo da sua revista *ELECTRICIDADE*, desde os tempos de estudante na década de 60, incentivado por alguns dos melhores professores de electrotecnia que tive (como foi o caso do Eng. Chagas Gomes, entre outros).

Sempre me habituei a artigos técnicos produzidos por quem sabia do assunto. Daí a grande credibilidade que a *ELECTRICIDADE* foi angariando.

Foi com agrado que verifiquei que, a partir de determinada altura, a *ELECTRICIDADE* dedicava algumas páginas a temas de luminotecnia, alguns dos quais com manifesto interesse.

Pensei que isso era óptimo, porque assim se estaria a motivar maior interesse, quiçá até ao nível dos estudantes, como me sucedeu.

Todavia, e é esta a questão pela qual me dirijo a si, ultimamente têm aparecido alguns artigos, escritos por professores do Instituto Superior de Agronomia, que são impróprios da *ELECTRICIDADE*.

Já há algum tempo estava para lhe chamar a atenção para esse facto, mas o tempo passava e o assunto morria.

Agora, ao ler o número 382, de Novembro de 2000, entendi não dever calar a minha opinião.

Como é possível que algum técnico, no ano 2000, produza artigos com base em dados de 1965 que, como diz o autor, foram adaptados da RIE de 1949?

Em princípios de 1980, o Dr. Richard Blackwell, considerado na altura o cientista de topo da luminotecnia mundial, dizia, numa conferência realizada em Lisboa, que se na mecânica automóvel tivesse havido uma evolução como houve na luminotecnia nos 5 anos anteriores, seria possível percorrer 300 km com um litro de gasolina!

E daí para cá as evoluções tecnológicas não pararam. Até os leigos o notam.

Conviria informar o autor do artigo, que não só as fontes luminosas que cita já não existem ou têm características completamente distintas (veja o caso das lâmpadas fluorescentes), que os tipos de aparelhos de iluminação têm hoje controladores de emissão luminosa completamente diferentes dos focados, que o Quadro 23 com os coeficientes de utilização se destina a elementos de cálculo que desapareceram em princípios de 1970, etc.

A sua revista *ELECTRICIDADE* não merece isto! Tem sido feita com muita dedicação e persistência, para ser objecto de promoção de quem não sabe o que diz.

Espero que em 2001 não sejam estas as fontes de ensino dos estudantes. Como a nossa API faz falta!

As minhas desculpas, mas o respeito que me merece, não me permite calar a revolta que sinto.

Eng. Vítor Vajão

Assim não Vai a Iluminação em Portugal

Não escondo o enorme contentamento que me deu a carta reproduzida acima (com título da Redacção). O Eng. Vítor Vajão, amigo de longa data, sempre esteve pronto a responder às minhas solicitações na Philips, que bastante beneficiaram a nossa (de

todos nós) *ELECTRICIDADE*. Ambos sabemos do sonho que me passou (nos passou) pela cabeça de dinamizar a fundação em Portugal de uma associação de empresas e profissionais em engenharia luminotécnica. Procurei construir esse esforço, em hiber-

nação havia vários anos, contando encontrar no sector empresarial o necessário apoio (financeiro) ao seu arranque. Mas só recebi palavras de congratulação e algumas quotizações de colegas interessados, que devolvi, ao cair conscientemente na realidade da

pequena obra que poderia produzir. De vez em quando, ainda recebo sinais de revitalização, por parte de alguns colegas bem intencionados, como manifesta o Eng. Vítor Vajão, agora com o seu próprio ateliê, de projectos luminotécnicos. Afinal, o sonho não se desfez completamente. E há a esperança de voltar a reanimar-se. Que bom!

Quando recebi esta carta já tinha escrito e enviado para composição gráfica a reportagem intitulada *A Luminotecnica Actual*. Pela sua estrutura literária nota-se, sem o confessar, que também tenho um resíduo dessa esperança, transformado na ideia de desilusão, ao constatar o que se passa entre nós no que respeita à difusão do conhecimento luminotécnico. Tenho perfeita noção da falta de tratamento científico e tecnológico dos sistemas de iluminação eléctrica nas nossas universidades. E também na actividade industrial ou de serviços, naturalmente, por consequência. Mas que interessa ser eu a dizer isso, mais uma vez?

De facto, o conteúdo das palavras que acompanham o desgosto do Eng. Vítor Vajão, no que se refere ao abandono a que a

educação superior votou a luminotécnica, assume um maior significado. Principalmente para os jovens engenheiros.

É claro que fui o primeiro leitor dos recentes trabalhos publicados nesta revista sobre a aplicação da iluminação artificial à criação de plantas e animais (em nove edições, de Janeiro de 2000 até Fevereiro de 2001). Contava chamar a atenção para a existência de técnicas modernas e aqui estou a fazê-lo sem desfavorecer a importância do tema, abordado por um engenheiro agrónomo, cuja objectivo foi claramente atingido, com importantes considerações para os projectos de aviários e estufas, fazendo recurso a informação electrotécnica (fora da sua especialidade) disponível em documentação histórica (referenciada, sem a esconder aos leitores).

Na verdade, são os engenheiros electrotécnicos que trabalham em luminotécnica incluindo as empresas do sector, que devem pugnar pela valorização da sua actividade. Não o fazem. Direi, sem cerimónia, que assim não vai a iluminação em Portugal. Quando, afinal, as páginas da ELECTRICIDADE sempre es-

tiveram e continuam a estar abertas às melhores contribuições. Venham donde vierem: das universidades ou dos politécnicos, ou das empresas dos profissionais.

Este exemplo é um caso típico de que somos e daquilo que queremos ser. E se quisermos melhor, arrisquemos. Publiquemos. Incentivemos. Aproveitemos este veículo, singular na sua generosidade e com prestígio. Mesmo que venha a erguer-se o edifício da associação API (que preferi abreviar por APIL, a fim de a identificar sem equívocos).

Caro Eng. Vítor Vajão, fez muito bem. A sua mensagem vem ao encontro de tudo o que tenho repetido: somos todos nós, engenheiros electrotécnicos, que construímos a "cultura electrotécnica". Não esperemos que sejam os outros especialistas a cultivar o desenvolvimento das nossas ideias. Mas não isolem a electrotecnia nas suas malhas específicas. São muitíssimas as aplicações da electricidade (com o seu mais genuíno significado) na sociedade e para os humanos. Desde a saúde ao bem-estar doméstico, passando pela economia. Com a iluminação eléctrica. **E**

H.D.R.

Leia, Assine, Divulgue e Colabore
ELECTRICIDADE

Uma Revista de Prestígio da Electrotecnia
em Língua Portuguesa para
os Profissionais de Engenharia